

Revolução não é bagunça: a arte entre o saber e o sem querer

Amanda Accioly Videira

MESQUITA, André. Esperar não é saber: arte entre o silêncio e a evidência. Edital Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais 2014.

“Os artistas brasileiros são completamente alienados. (...) Eles são alienados, voltados para pequenas problemáticas. É uma espécie de refúgio de uma realidade hostil.”

Aracy Amaral, 2014

Não é só pelos 0,20 centavos. Exhibit B. Acabou o amor, isso aqui vai virar o Chile. Fora, Cunha. A Índia é aqui. Cadê o Amarildo? Não vai ter golpe. Greve geral dos servidores do Estado do Rio. Ocupa MinC. Primavera das Mulheres. Mães de Maio. Não vim para esclarecer, eu vim para escurecer.

André Mesquita propôs, em seu livro Esperar não é saber: Arte entre o silêncio e a evidência. Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais (2014 -2015); analisar e refletir sobre as condições em que se deram trabalhos de arte de cunho político, em situações de ditadura e, conseqüentemente, de tempos em que a liberdade fora cessada. Até que ponto esses trabalhos tiveram eficácia em romper com o silêncio imposto pelo autoritarismo? E esses trabalhos foram pensados com estratégia militante ou eles foram a estratégia em si? Violências foram institucionalizadas? São questionamentos que permeiam e ficam na análise e pesquisa de Mesquita, que gira em torno das Trouxas Ensanguentadas (1970), de Artur Barrio; trabalho Nosotros no sabíamos (1976-1977), de León Ferrari; Apelo (2014), de Clara Ianni e Débora Maria da Silva.

O livro é dividido em três partes, as duas primeiras mostram entrevistas e os pensamentos em relação as duas obras e os artistas – quase como que montando um paralelo, não exatamente comparativo, mas sim expositivo, das questões individuais, e tentando criar uma interseção entre os dois trabalhos ou entre as motivações que levaram a eles. Essa tentativa de interseção cai por terra, logo no primeiro capítulo, quando a



pesquisa em cima das Trouxas Ensanguentadas perde a força quando confrontada com a visão do artista, que, em entrevista enviesada, foi claramente adverso à visão do autor sobre sua obra. Inclusive, abrindo espaço para dúvidas em torno da mesma: o cunho altamente político das Trouxas se deu como motivação para a realização do trabalho ou foi o trabalho certo, na hora certa?

O segundo capítulo, Saber o que não saber, acaba se tornando uma grande virada no livro. A obra de León Ferrari, assumidamente política, de pesquisa profunda e com o uso de trabalho manual massivo, também trata das subjetividades cruéis que acontecem em situações de opressão: a negação, o silêncio e a culpabilização da vítima. Questões ainda atuais e muito discutidas na contemporaneidade. Na entrevista de Pablo Ferrari – filho de León Ferrari – discute-se se o trabalho *Nosotros no sabíamos* começou como uma obra de arte ou como uma angústia por parte de León, o que também nos leva a refletir sobre uma questão antiga na arte, mas nem por isso resolvida, do que é considerado obra de arte dentro da chamada arte política e o que não é.

O terceiro e último capítulo do livro, Memórias do invisível, reflete sobre a herança dos preconceitos, violência e métodos de invisibilizar as atrocidades cometidas pelo Estado e como eles ainda estão presentes, principalmente na vida de grupos em vulnerabilidade socioeconômica. Mantendo a cadência de análise de trabalhos como nos capítulos anteriores, Mesquita cita a artista Clara Ianni e a ativista Débora Maria da Silva, que trabalharam juntas no filme *Apelo*, 2014. O filme fala sobre um ponto em comum da história de Clara e de Débora – a vala comum dos cemitérios, em especial o Cemitério Dom Bosco, no bairro de Perus, em São Paulo. Nessa vala comum, foram e ainda são enterrados corpos tidos como de indigentes, vítimas da ditadura e das opressões policiais ainda em voga. Logo no início da entrevista de Clara, outra questão bastante interessante sobre arte política aparece: a sensação de inadequação que muitos estudantes de artes propensos ao engajamento político em suas obras sentem nos institutos de arte.

O livro não traz respostas prontas, aborda, de maneira diferenciada, questões que não são novidades e, intencionalmente ou não, mostra contrastes na produção da chamada arte política.

